

Todas Essas Grandes Palavras E Grandes Problemas Que Ai Estão A Atorar os Ares,
Chame-se Democracia, Liberdade, Reforma Social Ou República, Não Tem Senão Uma
Condição De Exito, Ou Uma Solução Inteligente -- A Instrução Profissional.

Nilo Peçanha.

CORREIO DO ESTADO

Diretor - FLÁVIO BORTOLUZZI SOUSA

Garante - JOSÉ ALVES RAMOS

ANO I

Florianópolis

Domingo - 23 de Setembro

Número Especial



COLA DE APRENDIZES ARTÍFICES DE SANTA CATARINA

COMEMORAÇÃO DO 25º. ANIVERSÁRIO DAS ESCOLAS DE APRENDIZES ARTÍFICES

Historico Do Ensino Técnico No Brasil

Logo após a proclamação da República, houve da parte de alguns patrões ilustres a preocupação da organização do ensino profissional no Brasil. Quando Presidente da República o Dr. Afonso Augusto Moreira Pena, o Congresso Nacional votou a Lei nº 1606, de 29 de Dezembro de 1906, criando a Secretaria dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, em cujo programa de organização estava contemplado o ensino profissional em estadias especiais.

Com a ascensão ao Governo da República do Dr. Nilo Peçanha, sendo Ministro de Estado dos

Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, o Dr. Rodolfo Luiz da Rocha Miranda, foram criadas, pelo Decreto nº. 7566 de 23 de Setembro de 1907, as Escolas de Aprendizes Artífices. Finalmente pelo Decreto nº. 7548, de 11 de Novembro de 1909, era aberto o crédito de quatrocentos contos de réis (400.000\$00) para a instalação das Escolas, sob a chefia do Dr. Raimundo de Araújo Castro, nomeado posteriormente Diretor Geral da Diretoria Geral de Indústria e Comércio, a qual ficaram subordinadas as Escolas de Aprendizes Artífices. Por Decreto nº. 7649 da mesma data, foram criados

os lugares de professores, primário e desenho.

Em portaria de 15 de Janeiro de 1910, o Sr. Ministro de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, mandava que fossem observadas no regime das novas escolas as instruções que com esta portaria ~~baseavam~~ e antes aprovadas pelo Decreto nº. 7763, de 23 de Dezembro de 1909.

A 25 de Outubro de 1911, pelo Decreto nº. 9070 do então Presidente da República, Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, tendo como Ministro de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio,

o Dr. Pedro de Toledo, era dado novo regulamento às Escolas de Aprendizes Artífices e nele se autorizava a criação das Associações Cooperativas e de Mutualidade, bem como eram criados os lugares de adjuntos e contra-mestres.

Por portaria de 7 de Agosto de 1912 eram aprovadas pelo Ministro de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio as instruções relativas às Associações citadas, instruções estas organizadas pelo Dr. Raimundo de Araújo Castro, ainda Diretor Geral da Indústria e Comércio.

Por Decreto nº. 13064 de 12 de

Acervo. Biblioteca Pública de Santa Catarina

Junho de 1918, senão o Presidente da República o Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes e Ministro de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, o Dr. J. G. Pereira Lima, tiveram as Escolas de Aprendizes Artífices novo regulamento no qual se estabeleceram duas épocas de matrícula, bem como eram criados os cursos noturnos de aprendizagem teórica e desenho para operários.

Em 1919 creava a Prefeitura no Distrito Federal, a Escola Normal de Artes e Ofícios «Wenceslau Braz», que pouco depois passava à direção do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

No ano de 1920, na Presidência da República o Dr. Eustáquio da Silveira Pessôa, sendo Ministro de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio o Dr. Ildefonso Simões Lopes, e, por sugestão do Dr. Raimundo de Araújo Castro, foi criada uma Comissão de profissões nacionais, composta dos administradores e mestres (ex-alunos) do Instituto Parobé da Escola de Engenharia de Porto Alegre para estudar a reforma dos estabelecimentos de educação do operário nacional.

Em 26 de Setembro de 1922 foram aprovadas em portaria do Sr. Ministro de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, as instruções para fornecimento de rendas aos aprendizes das Escolas de Aprendizes Artífices.

Em 1924 era organizado o projeto de Regulamento do Ensino Profissional Técnico, para em 1926, na Presidência da República o Dr. Arthur da Silva Bernardes, sendo Ministro de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio o Dr. Miguel Calmon do Pur e Almeida, ser aprovada a Consolidação dos Dispositivos Concernentes às Escolas de Aprendizes Artífices.

Por decreto nº 19.560 de 5 de Janeiro de 1931, do Dr. Getúlio Vargas, Chefe do Governo Provisional da República, sendo Ministro de Estado dos Negócios da Educação e Saúde Pública o Dr. Francisco Campos, foi aprovado o Regulamento que organizava a referida Secretaria de Estado, à qual ficou subordinada a Inspetoria do Ensino Profissional Técnico. A esta cabia a direção das Escolas de Aprendizes Artífices e da Escola Normal de Artes e Ofícios «Wenceslau Braz».

Por decreto nº 21.353 de 3 de Maio de 1932, era aprovado o Regulamento da Inspetoria do Ensino Profissional Técnico, cabendo-lhe alem da direção e fiscalização das escolas da União, a fiscalização de quaisquer outros estabelecimentos ou instituições que, recebendo subvenções do Governo Federal, ministrassem o ensino técnico.

Pelo decreto nº 24.558 de 3 de Julho de 1934 do Governo Provisional, sendo Ministro de Estado dos Negócios da Educação e Saúde Pública, o Dr. Washington Pires, foi a Inspetora Geral do Ensino Profissional Técnico transformada em Superintendência do Ensino Industrial, que terá a seu cargo a direção superior das escolas federais de ensino industrial, bem como os serviços de fiscalização de estabelecimentos congêneres que pretendam gozar das prerrogativas do reconhecimento oficial.

Eis, sucintamente, a história das Escolas de Aprendizes Artífices.

**

Coube ao Sr. José Cândido da Silva, nomeado diretor da Escola de Aprendizes Artífices de Santa Catarina, em 16 de Dezembro de 1909 a tarefa de instalar a Escola do nosso Estado, o que se verificou a 1 de Setembro de 1910.

No seu nascença teve a Escola de Aprendizes Artífices o amparo do Sr. Governador do Estado, Cel. Gustavo Richard, que ofereceu o prédio onde funcionou. No primeiro ano de sua existência, a Escola acolheu 100 alunos, número bastante promissor para a experiência que se realizava. Lotando aqui com a escassez de verbas, ali com a falta de acomodações, foi a Escola vivendo, amparada no esforço dos seus dirigentes. Iniciou-se com quatro oficinas: ferraria e serraria; mecânica; carpintaria da ribeira; encadernação e tipografia. Em 1911 e 1913 foram construídos novos gabinetes, assim, para facilitar o trabalho de aprendizagem, mas, mesmo assim, estavam longe de satisfazer as finalidades desejadas. No ano de 1913 criou-se mais uma oficina de alfaiataria.

Em 16 de Novembro de 1914 falecia o Sr. José Cândido da Silva, sendo substituído pelo Dr. Heitor Blum, que ocupou o cargo até 24 de Setembro de 1917. Substituído o no cargo o Sr. João Cândido da Silva Muricy, que assumiu o exercício do cargo a 20 de Janeiro de 1918.

Continuava assim a Escola de Aprendizes Artífices vivendo uma vida mais burocrática que propriamente de ensino técnico. As instalações a este tempo já se apresentavam precárias para o fim colimado. Em 1919 escrevia o então diretor Assim, a remodelação das oficinas e adoção de um novo sistema de ensino técnico e prático, cada dia mais se estavam impondo, e como consequência era forçoso cuidar da mudança da Escola para outro local mais apropriado ao desenvolvimento de um aprendizado ao nível das exigências das nossas indústrias, dando-se-lhes uma instalação mais nos moldes de um estabelecimento escolar moderno.

Organizada a Comissão de Remodelação do Ensino Profissional Técnico, chefiada pelo Engenheiro Civil João Euereritz, a ela deve a Escola que hoje é. A 10 de Setembro de 1920 era publicado no Diário Oficial o ato do Sr. Ministro de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio o Dr. Miguel Calmon do Pur e Almeida, ser aprovada a Consolidação dos Dispositivos Concernentes às Escolas de Aprendizes Artífices.

Por decreto nº 19.560 de 5 de Janeiro de 1931, do Dr. Getúlio Vargas, Chefe do Governo Provisional da República, sendo Ministro de Estado dos Negócios da Educação e Saúde Pública o Dr. Francisco Campos, foi aprovado o Regulamento que organizava a referida Secretaria de Estado, à qual ficou subordinada a Inspetoria do Ensino Profissional Técnico. A esta cabia a direção das Escolas de Aprendizes Artífices e da Escola Normal de Artes e Ofícios «Wenceslau Braz».

Como resultado dessa feliz solução dado ao caso, recebeu a direção da Escola o seguinte ofício:

Secretaria da Fazenda, Viação, Obras Públicas e Agricultura. Gabinete do Secretário — N.º 176 — Florianópolis, 13 de Janeiro de 1920.

Ilmo. Sr. — Cumprę-me levar ao vosso conhecimento, que o Sr. Dr. Governador do Estado, de acordo com promessa feita, resolveu pôr a vossa disposição, para instalação definitiva da Escola de Aprendizes Artífices os terrenos da chácara denominada «Paranós», à rua Blumenau, desta Capital, ou a de propriedade do Sr. Coronel Pereira de Oliveira, na rua Presidente Coutinho.

Rogando-vos e fizera de comunicar-me qualquer resolução a respeito, sirvo-me do ensejo para renovar asseguras da minha alta estima e distinta consideração. — (a) Adolpho Konder.

Ao Sr. João Cândido da Silva Muricy, diretor da Escola de Aprendizes Artífices.

Designado pelo Sr. Ministro esteve nesta cidade, em Outubro, o Enchego Chefe da Comissão de

Remodelação das Escolas de Aprendizes Artífices, Dr. João Euereritz, alim de inspecionar e dar parecer sobre o local oferecido pelo Governo do Estado.

Ainda em 1920, 25 de Novembro, recebia a diretoria da Escola o telegrama do Sr. Dr. Diretor Geral de Indústria e Comércio autorizando, de ordem do Sr. Ministro, a mudança da Escola para o prédio oferecido pelo Sr. Governador do Estado, Dr. Hercílio Pedro da Luz, à rua Presidente Coutinho, preferido pela direção da Escola em face das vantagens que obteria sobre o antigo edifício da rua Blumenau.

Efectuada a mudança, do estabelecimento ficaram aulas e oficinas funcionando provisoriamente no edifício existente que era de moradia unicamente.

Começava então a transformar-se em realidade o sonho do ensino técnico no nosso país, com a ordenação do benemerito Ministro Ildefonso Simões Lopes, para que fossem organizados os projetos para a construção do novo edifício e dependências. Os projetos foram executados sob a direção do Dr. João Lacerda.

Era um passo à frente. Daí por diante seguiu-se o período de construção e remodelação de oficinas com aquisição de máquinas e ferramentas.

Ao mesmo tempo ensaiavam-se os novos métodos de ensino com os contratados do serviço da Reprodução. Enfim um movimento geral de todos aqueles que tinham vontade de fazer alguma coisa, era notado nesta casa.

Em 1922 inspecionava esta Escola o Sr. Antônio Hilário Travassos Alves, com o fim de orientar os trabalhos que se executavam para comemorar o centenário da nossa emancipação política e, ao mesmo tempo encaminhar o aprendizado de acordo com a ideia nova. Finalmente a 15 de Novembro de 1922 era inaugurado o novo edifício da Escola de Aprendizes Artífices de Santa Catarina.

Em continuação ao programa que se executava foi construído o pavilhão da Secção de Artes Decorativas, bem como o da Secção de Trabalhos de Madeira. Em 1926 e 1927 construiu-se o pavilhão da Secção de Trabalhos de Metal, bem como um salão superior para o Anfiteatro de Desenho.

Concomitantemente era iniciado na Escola o serviço de Industrialização, que veio dar nova feição ao aprendizado técnico profissional da juventude. Era mais um passo-largo na orientação do ensino profissional, ligando a aprendizagem com a revalorização do trabalho.

Em 1928 deixava o Sr. João Cândido da Silva Muricy a direção da Escola, sendo substituído pelo Engenheiro Civil Gabriel Alencar de Azambuja.

O que foi a administração do Engenheiro Civil Gabriel Alencar de Azambuja ainda se encontra na sistematização dada aos serviços de industrialização da Escola, calculando-a nos moldes que a sua experiência e técnica indicavam como mais acertados. Aumentando a produção e renda das oficinas escolares de maneira surpreendente, o que equivalia a uma procura maior do estabelecimento, quer por alunos quer por contratantes de serviço, teve a direção da Escola necessidade de melhorar a instalação de máquinas, o que conseguiu, em parte, apesar das dificuldades que se apresentavam.

Ainda nesta administração foi construído o refeitório e moradia do portero, que vinham satisfazer uma necessidade regulamentar.

Em 1931, nomeado Inspetor da 4ª

zona, o Engenheiro Civil Gabriel Alencar de Azambuja, foi substituído pelo Engenheiro Agrônomo Jorge Pereira de La Roque, em 20 de Abril.

Em 1933 era exonerado, a pedido, o então diretor e substituído pelo Engenheiro Civil Cid Rocha Amaral, transferido por decreto do Sr. Chefe do Governo Provisional, da Escola de Aprendizes Artífices do Piauí.

Presentemente a Escola de Aprendizes Artífices possui três salões para aulas de letitras, uma sala-gabinete de física e química, um anfiteatro de desenho, na parte superior. Na parte inferior estão localizadas as Seções de ofícios, compreendendo: Secção de Artes Gráficas, com as oficinas de Tipografia e Encadernação, pintura e douração; Secção de Artes Decorativas, compreendendo as oficinas de Cerâmica e moldação, e Estabilhamento de madeira, compreendendo as oficinas de Carpintaria e Mecânica e tamanaria; Secção de Trabalhos de Metal, compreendendo as oficinas de Férrea e Serralheria, Fundição e mecânica e Lataria; Secção de Feitura do Vestuário, compreendendo costura e corte.

O quadro administrativo e docente presentemente é o seguinte:

ADMINISTRAÇÃO

Diretor — Engenheiro Civil Cid Rocha Amaral.

Escrivário — Pedro Bosco.

Auxiliar Datilógrafa — Júlia Bosco.

Porteiro — Almoçarife — Bertino Gregorio Pereira.

Serventes — Timóteo Bento Coelho e Jacintho Thomaz de Aquino.

CORPO DOCENTE

CURSO PRIMÁRIO

Professora — Clelia Nunes Pires Caldeira.

Adjuntas — Maria José Regis, Eugênia Catulina da Silva e Hermésia Guaberto.

CURSO DE DÉSENHO

Adjuntos — Alfredo Juvenal da Silva, Clotilde Francisca Coelho e Yvone Barbáre.

MESTRANÇA

Secção de Artes Gráficas — Mestres: Euclides Schmidt e Alberto Moritz.

Contra-Mestre: Olavo Cassiano de Medeiros.

Secção de Trabalhos de Metal — Mestre: Sezefredo Blaschke.

Contra-Mestre: Thomaz Gonzaga.

Secção de Trabalhos de Madeira — Mestre: Jordão Cândido da Silva.

Contra-Mestre: Custodio Machado.

Secção de Feitura do Vestuário — Mestre: Rodolfo Bosco.

Contra-Mestre: João Tonera.

Secção de Artes Decorativas — Mestre: Luiz Domingos da Silva Marques.

Michelet, quando lhe perguntaram qual seria a primeira parte da sua política, responderam:

Educação

A segunda?

Educação

A terceira?

Educação

Povo forte só é o que projeta, organiza e executa um trabalho.

Alvaro Rodrigues,

engenheiro civil, professor da E. N. Belas Artes e Insp. do Ensino Técnico Municipal no D. Federal.

CIDADÃO:

Matricula teu filho na ESCOLA DE APRENDIZES ARTIFICES.

Só ela é capaz de faze-lo feliz no dia de amanhã, dando-lhe uma profissão definida para os embates da vida.

Resumo da Resenha Historica da Escola de Aprendizes Artífices de Santa Catarina

Curso Diurno					Oficinas					Curso Noturno				
Ano	Matrícula	Frequência média	Aprovados	Terminaram o curso	Matrícula	Frequência média	Aprovados	Produção	Renda	Matrícula	Frequência média	Aprovados	Terminaram o curso	
1910	100	—	—	—	130	—	—	1480\$900	1215\$900	—	—	—	—	
1911	130	.05	71	—	159	.63	84	1.872\$100	1.250\$100	—	—	—	—	
1912	159	.85	—	—	159	—	40	—	1.271\$800	1.017\$800	—	—	—	
1913	139	.88	68	—	139	.79	64	1.962\$100	1.290\$1700	—	—	—	—	
1914	145	.99	—	26	145	—	—	1.271\$800	1.017\$800	—	—	—	—	
1915	129	.84	51	8	129	.82	47	6.990\$600	2.498\$200	—	—	—	—	
1916	110	.59	32	11	110	.69	40	5.356\$600	3.354\$600	—	—	—	—	
1917	122	.78	—	14	122	—	—	—	2.800\$600	—	—	—	—	
1918	221	.92	—	10	221	—	—	11.536\$300	1.8378\$00	31	25	—	—	
1919	127	.74	—	12	127	—	—	4.903\$100	2.642\$900	39	28	—	—	
1920	144	.71	74	12	144	.73	44	5.457\$100	5.621\$300	45	32	25	12	
1921	104	.66	49	11	104	.65	49	2.083\$100	1.759\$500	56	45	18	—	
1922	135	.83	43	3	135	—	—	6.433\$900	1.905\$300	75	43	—	—	
1923	209	.98	39	—	209	—	—	9.691\$900	4.307\$100	37	25	13	—	
1924	208	.106	73	—	208	—	—	8.220\$400	7.754\$900	31	21	22	—	
1925	175	.95	94	—	175	.105	—	11.067\$400	7.121\$400	31	19	15	—	
1926	152	.105	73	2	152	.102	—	7.755\$700	6.621\$200	45	36	14	—	
1927	148	.102	60	—	148	.71	31	8.620\$520	4.020\$000	30	21	13	—	
1928	183	.90	73	—	183	.101	28	23.375\$300	8.541\$600	36	14	—	—	
1929	227	.124	67	—	227	.126	38	33.550\$600	15.804\$300	46	27	20	—	
1930	204	.129	60	1	204	.129	25	32.566\$300	18.619\$300	42	17	6	—	
1931	216	.130	77	—	216	.137	12	31.969\$800	17.702\$500	15	8	—	—	
1932	242	.143	78	2	242	.144	57	34.519\$400	17.979\$800	—	—	—	—	
1933	273	.167	57	—	273	.169	57	30.013\$320	12.270\$000	—	—	—	—	
TOTAL	4002	2224	1159	112	4002	1515	616	200.143\$400	447.978\$800	553	361	146	1	

Escola de Aprendizes Artífices em Florianópolis, 31 de Maio de 1934

VISTO

VISTO
Cid Roeha Amaral
DIRETOR INTERINO

CONFÉRE
Pedro Bosc
ESCRITURARIO

Quadro Demonstrativo da Receita e Despesa da Associação Cooperativa e de Mutualidade entre os alunos da Escola de Aprendizes Artífices de Santa Catarina de 1912 a 1933

Escola de Aprendizes Artífices de Santa Catarina, em 31 de Maio de 1934.

VISTO
Cid Rocha Amaral
DIETOR NITERINO

CONFÉRE
Pedro Bosco
ESCRITURARIO

Duas Palavras

Duras palavras, nada mais. E que a edição que ora apresentamos, as dispensa, por completo. Realmente, conforme se verá, esta iniciativa, por si só, se justifica, porquanto apresenta, em toda a sua magnífica realidade, uma perfeita organização de ensino técnico-profissional, em tudo e por tudo, merecedora da cooperação decidida e do aplauso fervoroso de todos quanto, verdadeiramente, se interessem pelas instituições norteadas por uma finalidade superior, como é, inequivocavelmente, a Escola de Aprendizes Artífices.

O Sr. Juraci Deixará A Interventoria

Rio, 22 (A. B.) — Esta sendo noticiado pela imprensa desta capital, que o sr. Juraci Magalhães, deixará hoje a Interventoria, alim de acompanhar a campanha eleitoral,

As Novas Instalações Da Secretaria Da Viação

Rio, 22 (A. B.) — Esta sendo noticiado pela imprensa desta capital, que o sr. Antônio Novais, deixará hoje a Interventoria, alim de acompanhar a campanha eleitoral,

VIDA SOCIAL

Canção Da Partida Aventureira

Todas as esperanças foram desfraldadas.
Ventos da boa sorte sopraram.

Soprou muito de prazer para quem se desencantou os sonhos bons
— amados e bons — que me impulsionam as distâncias.

E que as águas sejam sempre tranquilas.

E que Nossa Senhora dos Navegantes me conduza ao porto, seguindo a felicidade.

Assim seja!

C. M. R.

ANIVERSARIOS

Fazem anos, hoje:
a exma. sra. d. Semiramis D. Silva, esposa do sr. Henrique Bosco; o sr. Osvaldo Reis; o sr. Reinaldo Dias de Oliveira, guarda do Tesouro do Estado; a menina Vanda, filha do sr. João Alves; a senhorinha Lindomar Pereira Dutra;

a exma. sra. d. Maria Francisca, esposa do sr. Fernando P. da Silva; o menino Acacio Freitas;

a senhorinha Olga Voigt, professora do Grupo Escolar Arquidiocesano São José;

o menino Almíro, filho do sr. Armando C. Melo, funcionário Federal;

NASCIMENTOS

Está em festa o lar do sr. José Brasil, inspetor de rendas do Estado, residente em João Pessoa, e de sua exma. esposa d. Adalgisa D'Alcântara Brasil, pelo nascimento de um filhinho, que receberá na pomba batismal, o nome de Luiz Carlos.

CLUBES

CLUBE XII DE AGOSTO

O querido clube XII de Agosto, promoverá hoje, em sua sede, avenida João Pinto, uma atraente dominigueria, que terá inicio às 21 horas e para a qual reina grande animação.

Na Tarde De Ontem, O Rio Foi Abalado Por Dolorosa Tragedia.

Assassinado, Em Circunstâncias Impressionantes, Um Alto Funcionário Do Ministério Da Agricultura.

«Correio Do Estado», Graciosa. Ao Serviço Telegráfico Especial Envia a Pela Agência Brasileira. Recomendação. A Tragedia. Em primeira mão. Neste Estado.

Rio, 22 (A. B.) — A cidade está profundamente abalada pelo impressionante assassinato do sr. Oscar Siqueira Ximão, ex-secretário do ex-ministro da Agricultura, major Juarez Távora, perpetrado, intima, à tarde, quando, em companhia de colegas de repartição, deixava o ministério, pelo sr. Amerigo Novais, ex-funcionário desse ministério, que se fazendo acompanhar de dois individuos, agrediu o sr. Ximão, desferindo lhe, no coração, certeira, punhalada que o prostrou, causando-lhe a morte imediata.

O assassino, que é natural da Baía, é primo do deputado Barata Novais.

Segundo conseguimos apurar, foi a seguir à execução da polícia, na hora em desabalada corrida, sendo, no intervalo de minutos, detido e a julgado em flagante.

O crime abalou profundamente a cidade, causando profunda sensação.

pouco, foi enviado à Baía, sua terra natal, em missão do ministerio; chegando ao Rio, uma vez cumprida a missão que o levava à Baía, soube, com surpresa, pois lhe sempre um funcionário exemplar, sendo grandemente estimado não só pelos companheiros como também pelos superiores, soube dizíamos, que havia sido demitido por intervenção de Távora, perpetrado, intima, à tarde, quando, em companhia de colegas de repartição, deixava o ministério, pelo sr. Amerigo Novais, ex-funcionário desse ministério, que se fazendo acompanhar de dois individuos, agrediu o sr. Ximão, desferindo lhe, no coração, certeira, punhalada que o prostrou, causando-lhe a morte imediata.

Após a prática do delito, Amerigo Novais, inteiramente alucinado, fugiu à ação da polícia, na hora em desabalada corrida, sendo, no intervalo de minutos, detido e a julgado em flagante.

O crime abalou profundamente a cidade, causando profunda sensação.

O Ministro Da Justiça Homenageado Na A. B. I.

Rio, 22 (A. B.) — O Ministro da Justiça, sr. Vicente Rão, esteve ontem, em visita à Associação Brasileira de Imprensa, sendo recebido por grande número de associados, que o homenagearam de forma profundamente expressiva.

Saudou o Ministro, em nome da A. B. I., o seu presidente, sr. Herbert Moses.

tom, recebendo cumprimentos por motivo do seu requerimento da véspera, requerimento classificado de «bomba», pelo sr. Raul Fernandes.

O padre Leandro Pinheiro, deputado oposicionista do Pará, proprietário de uma respectável fazenda, foi ontem a fri brama, afim de barrar uma porção de violências praticadas pelo major Barata, interventor.

O mais interessante do discurso foi quando o orador disse que o major Barata exclama:

Com Rão ou a praieira ao governo da minha terra. E se não for, justifica-se minha outra revolução.

Está a terminar o prazo para apresentação de emendas aos orçamentos.

Esse prazo vai correndo porque a Mesa avisou que as tabelas se achaavam a disposição dos deputados.

Na verdade, porém, só existem tabelas de três orçamentos.

São as relativas aos do Exterior, Agricultura e Viação.

Apesar de prontas todas, a Imprensa Nacional não as imprimiu, apresentando, ao em vez de tabela uma simples relação de totais parciais, assim:

Repartição tal: despesa fixa, tanto: variável, tanto.

Denominam a isso «tabela».

Torna-se impossível propor qualquer emenda, aumentando, diminuindo ou suprimindo uma dotação.

Como, e onde?

A bancada do P. R. M. fez publicar a reserva dos seis trabalhos na Constituinte.

É um índice elucidativo do esforço daquele grupo de seis deputados, cuja colaboração foi preciosa na feitura da Carta Política.

Muitos foram os pontos vencedores, propostos pelos elementos do P. R. M. dentre os quais é de justiça salientar a ação brilhante do deputado Daniel de Caryallho.

Nos Bastidores da Câmara

Narrativas do sr. Minuano de Moura — Paulista de 400 anos «Com Rão Ou Pão», No Pará

Rio, 22 (C. G.) — Em sua edição do dia 20, o Jornal do Brasil publicou a seguinte interessante reportagem:

Hoje não ha sessão na Câmara.

O sr. Henrique Dosdworth propôs, e foi aprovado, que em homenagem à promulgação da Lei Orgânica do Distrito Federal a Câmara não funcione hoje.

O sr. Minuano de Moura ocupou a tribuna para responder ao sr. Félix Garcia, um chefe libertador gaúcho, que teve a infeliz idéia de querer que o mesmo sr. Minuano renuncie.

O sr. Minuano já disse que não vai nessa onda. Ele é a favor da renuncia dos outros,

também que foi, graças a cinco renúncias, que chegou à Câmara.

E' porem fidagamente contra a sua propria renúncia.

Aqui estou para «topar» e discutir tudo.

Foram palavras suas honradas.

A respeito do sr. Félix Garcia narra uma história interessante.

Diz que certa vez o sr. Félix Garcia, ofereceu uma festa, em sua residência, a um prócer do partido.

Compareceu muita gente.

A saída o dono da casa po-

dia a cada conviva a contubulação do 200\$000, alegando que havia levado uma grande facada do homenageado.

Ninguém perguntou se ele havia mes-

mo esfaqueado ou mordido,

o anfitrião. E todos deram os 200\$ pedidos.

Por um lado, os homens

se desentendem.

Eram grandes amigos os

srs. Sampaio Correa e Alcan-

tara Machado.

Um dia, o sr. Alcantara de-

fendeu os selvícios.

E o sr. Sampaio Correa da

este aparte:

— Nós devemos cuidar mais

do que todos desses brasilei-

ros que o são, há quatrocen-

tos anos.

Foi a conta. O sr. Alcantara

Machado, tão risonho, no

comum, para todo o mundo

deixou de cumprimentar o sr.

Sampaio Correa.

Que faria, então o sr. Alcan-

tara Machado com o autor da

seguinte quadra?

«Este Dr. Alcantara Machado.

Que vive bem com os gregos

e troianos,

Já foi paulista, a quatro cen-

tos anos,

Hoje é gaúcho naturalizado.

O comunista Vermelho, sr.

Mario Rainos, continuou hon-

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina



Refeitório dos alunos e moradia do porteiro.

Ensino técnico e sua finalidade político-social.

Qualquer observador, por menos minucioso que seja, sentirá o quanto confusas são as linhas gerais, que traçam a trajetória do mundo moderno. O desequilíbrio político-social que atingiu aos povos — avós, não é nada promissor para aqueles que ensaiam os primeiros passos de sua vida. Desta situação caótica, filha dileta da concepção individualista, já falida na prática, nasceram doutrinas e doutrinadores dos mais variados matizes, desde o extremismo russo até a socialização inglesa.

E assim, continuadores de Babeuf, Saint-Simon, Fourier, Blanc, Proudhon, Marx, Guesde, Jaurès, Webb e outros, tem convulsionado o mundo, com promessas de dias melhores.

É fato, porém, no dizer de Gasset, que o Império que, sob a vida pública exerce hoje a vulgaridade intelectual, é talvez o fator da presente situação. Verdade incontestável, que vem em amparo dos que condenam os régimes políticos. Nada mais prejudicial para a coletividade que a classe que se jacta de privilegiada, desdenhando, nos governos utópicos da soberania popular, de tudo aquilo que só o bom senso bastaria para juiz. Sem cultura suficiente para avaliar causas e efeitos, estribados em bases falsas, temos visto, num mixto de písmo e revolta, as soluções mais descabidas para assuntos de magna importância.

E daí o advento e vitória dos regímenes ditatoriais. Mas, quando esses governos encontram um ambiente preparado, pelo grau de cultura técnica do povo que vão dirigir, a execução dos programas-salvação torna-se lucrativa.

«O povo não precisa de quem o domine; precisa de quem o oriente», afirma Oliveira Franco Sobrinho, em admirável artigo sobre a questão social.

A orientador cabe «tornar consciente o choque das mentalidades de classe.» Como disse, porém, si isto é fácil para alguns países, para outros é uma inssegurança evidente. Como tornar conscientes os embates de classe, onde só existem duas classes distintas, a dos que trabalham e a dos intelectuais, o que vale dizer a dos que mandam e a dos que obedecem? Ai, parece-me, que o orientador fracassará fatalmente explorando sentimento nacionalista, coletivista ou outro qualquer.

Sem querer frizar casos, para que não se tome este trabalho fora dos fins a que se destina, direi que a falência das democracias tem origem neste fato, enquanto o mundo moderno nos dá um exemplo do mesmo erro.

Então, que é que torna fácil a tarefa dos orientadores? A resposta

se impõe, dogmatica: A cultura profissional do povo. Onde existe o indivíduo, profissional consciente, só há lugar para as crises de capital e de trabalho. Outras, não. A Alemanha vencida é dos nossos dias.

muito diversa das que tem atingido outras nações. La falta de trabalho; aquí falta de profissão.

É de Miguel Couto, num momento de semi-alcunção patriótica, o conceito de que no Brasil só há um problema nacional, a educação do povo. É fato, mas o que adequa ao indivíduo, como elemento social, componente da nacionalidade, é produzir e, para tal fim necessita de profissão definida. Fora deste conceito do indivíduo educado, outro qualquer deixa a desejar. Será sempre, sem profissão especializada, regresso do bacharelismo, trabalhador semi-conciente ou analfabeto, um escravo na mão dos que mandam:

O que é urgente, antes de mais nada, é que se multipliquem as escolas profissionais. Formar uma consciência industrial, de modo que cada indivíduo possa viver, na sociedade, do seu trabalho, pensando com o seu próprio cérebro e executando o que este reflete nos seus órgãos operadores. Livre das algemas dos caciões distribuidores de emprego, a troço de sua submissão incondicional.

forte entrave ao desenvolvimento de nossas escolas*, no fraseado feliz de Alvaro Rodrigues.

Mas compete a nós, administradores, e aos governos que querem acertar, a tarefa de fazer ruir por terra esse falso preconceito social. O aprendizado profissional técnico é tão útil ao filho do trabalhador quanto ao filho do intelectual. A ambos é liberdade, no sentido moderno da palavra Liberdade, do jugo da maioria privilegiada.

É falsa a suposição de que «o homem que pensa com a extrema-dade de sua ferramenta é inferior ao que pensa com o bico de sua pena», na frase de Goy, lembrada por Alvaro Rodrigues.

Os povos da atualidade como a Suíça, Alemanha, Bélgica e Estados Unidos, vivem a vida que só os de boa organização de ensino técnico podem ter; aconteça o que acontecer na sua vida política. Cesada a causa, cessará o efeito.

Para nós, filhos deste «Brasil — imenso; fantástico; verde e marrom, e... queimado» (Ioy Nash), não é possível esquecer nunca o grande lema de Carlyle: O homem que sabe usar ferramentas vale tudo; si não sabes usar ferramentas, não vales nada.

Sem medo de errar concluiremos: Serás sempre uma pedra do alferce do poderio pessoal de outrem, e nada farás de útil, pela tua terra.

CID ROCHA AMARAL



Engenheiro civil CID ROCHA AMARAL

DIRETOR

Entretanto ao ensino profissional, observado no Império, e continuado na República, na obra formulada por que foi a Kirchensteiner, deve o seu povo o reerguimento da patria até a situação hoje reinante.

Agora, no que nos diz respeito, estamos divididos em duas partes: 80% de analfabetos e 20% de alfabetados. Destes, com exagero talvez, 5% de intelectuais, 7% de profissionais liberais, e o restante de trabalhadores semi-concientes.

Como é possível num país destes, com semelhante quadro a nossos olhos, executarem os orientadores os programas a que se propõe? Num país em que, nos grandes centros, domina aquele que dispõe do governo e, nos lugares afastados, tudo depende do coronel, como é possível, explorando um sentimento, fazer medrar a semente que se quer lançar? Em nossa terra que o emprego mania, repetindo a expressão do grande Nilo, tornou-se uma instituição, pela necessidade de viver dos que não tem profissão definida, o eleito tem outra causa,

Bem sei que o preconceito social que afasta os estudantes brasileiros, em grande massa, dos trabalhos manuais, recrutando-os para o bacharelismo, é, talvez, o mais

Os trabalhos manuais com o desenho, são, nos dos primeiros anos da nossa Escola de Aprendizes Artífices, o curso prevocacional de artes e ofícios em que o aluno se submete a uma acurada observação.

E a psicotécnica no campo da aplicação, imediatamente.



Pateo, vendo-se o edifício central, pavilhão das oficinas e residencia do diretor.

O problema do ensino técnico é para qualquer nação do mundo a própria questão do seu evoluir e da sua grandeza econômica. Em qualquer país, atualmente, toda obra política e civilizadora está presa à necessidade da criação das capacidades técnicas e da educação das aptidões pelo desenvolvimento e integralidade do ensino profissional. Na luta das competições vencem unicamente os povos especializados de acordo com as exigências das indústrias modernas.

Acervo Biblioteca Pública de Santa Catarina

PEREIRA LIMA.

CORREIO DO ESTADO

ANO I

Domingo — Florianópolis 23 de Setembro de 1934

Número Especial

No começo, liberdade absoluta não só de execução como de escolha do assunto, sem modelo. Depois, ainda sem modelo, mas já com tema marcado, começando então, para os espíritos avovantes, a fazer notar a estrutura e articulação.

No segundo ano, inicia o curso copiando do natural objetos de uso comum, fazendo com que o aluno conceba a utilidade dos píxos, é inicio de geometrização nos esboços. Flores e frutas, do gesso e do natural, e certos elementos compondo frisos; já estilizando o que antes foi estudado.

O professor mostra as cores, exerce a combinação de tintas. Sempre que se trata de desenho simétrico ensina com explicações intuitivas o que é repetição e alternância, equilíbrio e ritmo. Noções rudimentares de estilização e composição. Início do desenho da perspectiva de observação — como desenhar do natural sem conhecer perspectiva.

No curso seguinte, desenho por observação de modelo vivo ou de gesso (áquario, aves, empalhadas, etc.) Composição de frisos geométrizados. Noção de estilo.

Corpos geométricos isolados e em grupos.

Estudo de luz, reflexo, sombra própria e projetada; meias-tintas; efeitos de iluminação.

Neste curso, como no quarto ano o desenho está dividido em dois grupos — o ornamental como ficou referido e o desenho de escala que é o primeiro degrau para o desenho industrial que é um dos conhecimentos essenciais ao artista moderno.

Começa por receber noções de plano e ângulos — projeção sobre um, dois ou três planos — e a projeção ortogonal, acompanhada passo a passo com o conhecimento das escâfatas. Aparelhos para o desenho exato. Até aqui segue a série graduada modelos em madeira, volume, com redução de escala.

Depois, desenho, sempre com o objeto à vista, de artefatos que construirão na oficina, guiados pelo próprio desenho.

Perspectivas convencionais.

No quarto ano alternando com o desenho ornamental começam as noções de perspectiva exata, teoria da sombra.

Neste ano se inicia o estudo de desenho industrial seguido até o final do curso profissional que é o sexto ano.

Croquis cotado. Para certas seções, os cálculos necessário ao desenho técnico, como para o traçado de parafusos, engrenagens, etc.

O aluno projeta na aula de desenho, orça e executa na oficina o artefato dado por tema.

Tudo isso com análise individual, fugindo do empirismo.

Para cada ofício ou grupo de ofícios o desenho especializado.

No grupo trabalhos em madeira desenho concernente à marcenaria, carpintaria e tornoaria.

Na altaiaaria — traçado de cortes para os artifícios do livro — vinilicatas capas, cartazes, etc.

Para a seção de Artes decorativas tudo que concerne à arte, inclusiva arquitetura.

Os do grupo metal, desenho de lataria, do torrador, do serralheiro, mécânico, do modelador de fundição.

O desenho é sempre das vistas e com os cortes que são necessários.

O desenho é a leitura da forma. Todos podem aprender a ler. Também podem aprender a desenhar.

Desenhar bem é ver bem.

A única maneira racional de ensinar desenho é ensinando a ver com os próprios olhos, não com os olhos de outro.

A reproduzir aquilo que vê e não o que foi visto por outro. Todos podem aprender a desenhar, tornarem-se artistas do lápis, não, é claro.

«Arte non si insegna a chi Natura non concreta».

Infelizmente o curso de desenho em muitas classes é feito por leigos que insistem em fazer o principiante copiar uma porção de estampas e gravuras na maioria verdadeiros monstros, pensando ensinar desenho. Depois, de dois ou três anos de tio enfadonho exercitio a «víma» não só perdeu tempo como adquiriu hábitos nocivos e embotou o senso de observação nascente.

E' um modo erradíssimo.

E' confundir caligrafia com leitura.

Arteficio que deve ser abolido, método falso o da cópia da estampa, condenado pelo bom sentido pela experiência, errado e prejudicial e que nada justifica.

E' desrespeitar a educação do olho que é tudo, para se preocupar com exercitá-la à mão, objetivo secundário, quasi que diremos dispensável.

E' preciso repetir sem cessar que o que importa é educar o olho, ensinar a ver e nisso devem se resumir todos os esforços. A técnica virá depois.

Mas a educação do olho si para uns, organizações privilegiadas, é facilíssima, para outros, a maioria, é lenta e difícil.

Quem não está acostumado a desenhar só raramente poderá ver com justesa.

Complica o mais simples objeto. A largura alonga-se, o eixo vertical diminui ou vice-versa, sempre tombará, faltará o solo, ausência de volume.

É claro que culpará a mão.

Mas não é assim. O verdadeiro culpado é o olho, que não sabe ver, que sente errado. A mão não

tem vontade, obedece ao cérebro. E o cérebro erra porque o seu guia, o olho, não sabe ver.

Tudo que nos vê tem dois modos de se fazer sentir — a forma e a cor.

As linhas que marcam o contorno, a forma, que destaca tudo que nos rodeia é imutável. A cor não faz parte do corpo. É um manto

variável que o envolve, tomando a luz de seus raios de maior ou menor comprimento.

Construimos a nossa filosofia observando a natureza, aprendemos a sentir o que de belo a vida nos oferece.

Isto será mais fácil se soubermos desenhar.

Luiz D. S. Marques

Da Escola de Aprendizagem Artística

Relação do Pessoal que serviu na Escola desde a fundação até esta data

DIRETORES

José Cândido da Silva de 16-12-1909 a 16-11-1914

Dr. Heitor Blum de 27-11-1914 a 24-9-1917

João Cândido da Silva Muricy de 29-1-1918 a 26-4-1928

Eng. Civil G. Alencar de Azambuja de 2-7-1928 a 19-4-1931

Dr. Jorge Pereira de La Roque de 20-4-1931 a 22-5-1933

Eng. Civil Cid Rocha Amaral de 7-8-1933 servindo atualmente

ESCRUTARIOS

Alvaro Antunes Ramos de 10-12-1909 a 25-10-1920

Pedro Bosco de 15-12-1920 servindo atualmente

AUXILIAR DATILOGRÁFO

Julia Bosco de 11-2-1933 a 9-7-1933 servindo atualmente

POREJETROS

Candido de Souza Cônico de 19-12-1909 a 26-8-1918

João dos Santos Menjona de 23-9-1918 a 12-10-1931

Bertino Gregorio Pereira de 2-1-1932 servindo atualmente

PROFESSORA DO CURSO PRIMARIO

Clelia Nunes Pires Caldeira de 26-2-1910 servindo atualmente

PROFESSOR DE DESENHO

Tiziano Basadona de 11-5-1910 a 11-3-1934

ADJUNTAS DO CURSO PRIMARIO

Maria José Régis de 17-3-1911 servindo atualmente

Irene Nicolich de 30-4-1912 a 24-5-1915

Eugenio Catalina da Silva de 22-4-1918 servindo atualmente

Hermesilia Guabberto de 3-8-1934 servindo atualmente

ADJUNTAS DO CURSO DE DESENHO

Alfredo Juvenal da Silva de 11-6-1912 servindo atualmente

Judith Diniz de 32-4-1913 a 12-8-1920

Alízia Biencourt Muricy de 1-8-1926 a 4-6-1928

Clorilde Francisca Coelho de 9-7-1928 servindo atualmente

Yvone Bárbara de 1-8-1934 servindo atualmente

MESTRES

Madeira — Júlio Roqué de 10-2-1912 a 15-5-1933

Jordão Cândido da Silva de 15-9-1933 servindo atualmente

Artes Gráficas — Euclides Schmidt de 10-8-1910 servindo atualmente

Encadernação — Joaquim Natividade da Silva de 10-2-1912 a 17-4-1922

Olavo Cassiano de Medeiros de 13-3-1922 a 26-8-1923

Antônio Martins Barreira de 27-8-1923 a 5-2-1926

Alberto Moritz de 15-3-1926 servindo atualmente

Metal — João Ligocki de 10-2-1912 a 15-6-1920

José Piourowsky de 1-6-1916 a 6-7-1925

Eugenio Baptistaelli de 15-8-1925 a 1-8-1927

Sézefredo Blaschke de 15-3-1927 servindo atualmente

Vestuário — Francisco Almeida Machado de 20-2-1913 a 18-12-1914

Pedro Bosco de 30-3-1915 a 14-12-1920

Rodolpho Bosco de 5-11-1921 servindo atualmente

Artes Decorativas — Plínio de Freitas de 1-7-1927 a 14-4-1928

Luiz D. da S. Marques de 2-5-1928 servindo atualmente

CONTRA MESTRES

Madeira — Jordão Cândido da Silva de 31-5-1912 a 14-6-1933

Custodio Machado de 1-8-1933 seava atualmente

Artes Gráficas — Olavo Cassiano de Medeiros de 23-4-1925 servindo atualmente

Metal Raul — Simene de 11-6-1912 a 12-1-1915

José da Costa Flores de 22-4-1918 a 15-8-1921

Thomas Gonzaga de 19-9-1921 servindo atualmente

Vestuário — Feltre Tonera de 20-6-1914 a 26-10-1925

João Tonera — interino de 30-5-1923, servindo atualmente